

## CANÇONETAS

### À LIRA DESPREZO

Que busco, infausta lira,  
Que busco no teu canto,  
Se ao mal, que cresce tanto,  
Alívio me não dás?

A alma, que suspira,  
Já foge de escutar-te:  
Que tu também és parte  
De meu saudoso mal.

### II

Tu foste (eu não o nego)  
Tu foste em outra idade  
Aquele suavidade,  
Que Amor soube adorar;

De meu perdido emprego  
Tu foste o engano amado:  
Deixou-me o meu cuidado;  
Também te hei de deixar.

### III

Ah! De minha ânsia ardente  
Perdeste o caro império:  
Que já noutra hemisfério  
Me vejo respirar.

O peito já não sente  
Aquele ardor antigo:  
Porque outro norte sigo,  
Que fino amor me dá.

### IV

Amei-te (eu o confesso)  
E fosse noite, ou dia,  
Jamais tua harmonia  
Me viste abandonar.

Qualquer penoso excesso,  
Que atormentasse esta alma,  
A teu obséquio em calma  
Eu pude serenar.

### V

Ah! Quantas vezes, quantas  
Do sono despertando,  
Doce instrumento brando,  
Te pude temperar!

Só tu (disse) me encantas;  
Tu só, belo instrumento,  
Tu és o meu alento;

Tu o meu bem serás.

VI

Vai-te; que já não quero,  
Que devas a meu peito  
Aquele doce efeito,  
Que me deveste já.

Contigo já mais fero  
Só trato de quebrar-te:  
Também hás de ter parte  
No estrago de meu mal.

VII

Não saberás desta alma  
Segredos, que sabias,  
Naqueles doces dias,  
Que Amor soube alentar.

Se aquela ingrata calma  
Foi só tormenta escura,  
Na minha desventura  
Também naufragarás.

VIII

Nise, que a cada instante  
Teu números ouvia,  
Ou fosse noite, ou dia,  
Jamais não te ouvirá.

Cansado o peito amante  
Somente ao desengano  
O culto soberano  
Pretende tributar.

IX

De todo enfim deixada  
No horror deste arvoredado,  
Em ti seu tosco enredo  
Aracne tecerá.

Em paz se fique a amada,  
Por quem teu canto inspiras;  
E tu, que a paz me tiras,  
Também te fica em paz.

A LIRA PALINÓDIA

Vem, adorada Lira,  
Inspira-me o teu canto:  
Só tu a impulso tanto  
Todo o prazer me dás.

Já a alma não suspira;  
Pois chega a escutar-te:

De todo, ou já em parte  
Vai-se ausentando o mal.

II

Não cuides, que te nego  
Tributos de outra idade:  
A tua suavidade Eu sei inda adorar;

Desse perdido emprego  
Eu busco o encanto amado;  
Amando o meu cuidado,  
Jamais te hei de deixar.

III

Vê, de meu fogo ardente,  
Qual é o ativo império:  
Que em todo este hemisfério  
Se atende respirar.

O coração, que sente  
Aquele incêndio antigo,  
No mesmo mal, que sigo,  
Todo o favor me dá.

IV

Se tanto bem confesso,  
Ou seja noite, ou dia,  
Jamais essa harmonia  
Espero abandonar.

Não há de a tanto excesso,  
Não há de, não, minha alma  
Desta amorosa calma  
Meus olhos serenar.

V

Ah! Quantas ânsias, quantas  
Agora despertando,  
A teu impulso brando  
Eu venho a temperar!

No gosto, em que me encantas,  
Suavíssimo instrumento,  
Em ti só busco o alento;  
Que eterno me serás.

VI

Contigo partir quero  
As mágoas de meu peito;  
Quanto diverso efeito,  
Do que provaste já!

Não cuides, que sou fero;  
Porque já quis quebrar-te:  
No meu delírio em parte

Desculpa tem meu mal.

VII

Se tu só de minha alma  
O caro amor sabias,  
Contigo só meus dias  
Eterno hei de alentar.

Bem que ameace a calma  
Fatal tormenta escura,  
Da minha desventura  
Jamais naufragarás.

VIII

Clamar a cada instante  
O nome, que me ouvia,  
Ou seja noite, ou dia,  
O bosque me ouvirá.

Bem, que a meu culto amante  
Resista o desengano,  
O voto soberano  
Te espero tributar.

IX

Não temas, que deixada  
Te ocupe este arvoredor,  
Onde meu triste enredo  
O fado tecerá;

Conhece, ó Lira amada,  
O afeto, que me inspiras;  
Na mesma paz, que tiras  
Me dás a melhor paz.